

LINGUAGEM E INTERCULTURALIDADE:

UM DIÁLOGO COM HERÁCLITO DE ÉFESO E ALBERTO CAEIRO

Antônio Máximo Ferraz (UFPA)

RESUMO: Em nossa época, a linguagem costuma ser entendida como um instrumento de comunicação e a cultura descrita como um conjunto de comportamentos, crenças, costumes etc. que tocam ao homem em sua vida social. Na comunicação, procuraremos superar a representação usual da linguagem como instrumento e da cultura como uma dimensão meramente social ou antropológica, pois tal maneira de encará-las se mostra insuficiente para compreendê-las em toda a sua envergadura e em sua referência ao humano. A linguagem será pensada em perspectiva filosófica, em diálogo com Heráclito de Éfeso, pensador grego do século VI a.C., de modo a fazer ver que ela é a força de articulação entre as identidades e as diferenças culturais, o *lógos*, que vem a ser a própria linguagem, compreendida ontologicamente. A cultura, por sua vez, será vista em sua relação com o cultivo das questões que convocam o pensamento e se manifestam na arte. Não à toa, as palavras cultura, cultivo e também culto têm a mesma origem, o que aponta que todas as diferenças culturais são doação do *lógos*. Para superar o engessamento conceitual que nos impede de reconhecer a linguagem e a cultura como questões, desenvolveremos um diálogo com Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, o mestre da aprendizagem de desaprender os conceitos e se abrir para o questionar contínuo. Com tal proposta, pretendemos abrir caminho para a compreensão e o exercício de uma verdadeira interculturalidade, baseada no respeito à alteridade e no reconhecimento da identidade que nos irmana, a nós e às diferentes culturas: a linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Interculturalidade. *Lógos*. Aprendizagem. Heráclito de Éfeso. Alberto Caeiro.

Para desenvolver os temas da linguagem e da interculturalidade, presentes nesta minha fala, obedecerei a uma certa dinâmica.¹ Em diálogo com o pensador grego Heráclito de Éfeso, do século VI a.C., e com o poeta Alberto Caeiro, um dos heterônimos da obra de Fernando Pessoa, partirei dos conceitos usuais sobre as coisas e

¹O tom oral do presente texto advém do fato de ele ser uma transcrição, levemente modificada, das notas manuscritas preparadas para a comunicação apresentada na Sessão Temática intitulada “Filosofia e Literatura: interfaces contemporâneas”, proposta e coordenada pelo autor no XIV Congresso da ABRALIC, ocorrido na Universidade Federal do Pará, em Belém, entre os dias 24 e 26 de setembro de 2014.

colocarei-as em questão. Ou seja: mostrarei a representação que temos habitualmente sobre elas e procurarei interrogá-las mais a fundo.

Peço, inicialmente, que escutemos os versos de Alberto Caeiro. Este heterônimo era chamado pelo próprio Fernando Pessoa de mestre, e isto porque ensinava não conceitos prontos e acabados, para serem repetidos, mas se disponibilizava para a escuta das questões:

*O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.*

(PESSOA, 1995[a], p. 238)

O que esses versos querem dizer? O que eles querem nos fazer escutar? Que o universo ou as coisas não são as representações que delas temos. A representação que delas temos, ou seja, as ideias que temos sobre elas, não são capazes de esgotar as coisas como questões. Como tais, elas não são passíveis de definições que deem fim ao perguntar.

Qual é a representação que temos habitualmente da linguagem?

A linguagem normalmente é vista como um instrumento de comunicação. Esta definição de linguagem é capaz de a fazer aparecer em toda a sua riqueza, ou até a diminuir, a viola? Para saber se ela é um instrumento de comunicação, como costumam repetir, é preciso, primeiro, que nos perguntemos o que é um instrumento.

O que é um instrumento?

O que caracteriza um instrumento é a sua utilidade. Quando um instrumento não é mais útil, nós o lançamos no lixo. Todavia, o que gostaria de perguntar é se com a linguagem se passa algo semelhante. Podemos jogar a linguagem fora, dela prescindir como humanos que somos? A linguagem é, por exemplo, como uma bicicleta, a qual, quando não mais serve, a destinamos ao ferro-velho?

Claro que não. O que sustenta um instrumento, em seu ser, é a serventia. Mas a linguagem não se esgota em uma serventia comunicativa. Tanto é assim que as grandes obras literárias instauram, invariavelmente, grandes crises de comunicação, fundando seu próprio vocabulário e fugindo ao senso comum, inclusive o senso comum articulado frequentemente pela crítica. Isto nos mostra que a representação usual da linguagem

como um instrumento – um instrumento de comunicação – não se sustenta.

Alberto Caeiro nos diz, no Canto II de “O Guardador de Rebanhos” (PESSOA, 1995[a], p. 204), que sabe “ter o pasmo essencial / Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deusas...”. Ele se sente, em suas palavras, “nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo...”. Tomemos essa disposição do mestre e nos permitamos perguntar, como crianças: o que é a linguagem? Devemos nos libertar dos conceitos e representações usuais que a impedem de se mostrar em seu vigor.

Vou desenvolver a seguinte ideia mais tarde, mas desde já antecipo que esta concepção de linguagem como instrumento de comunicação é a responsável por toda a violência entre as diferentes culturas que experimentamos em nossa era. Penso, aqui, na violência que se expressa na negação da alteridade que acompanha toda a tradição ontológica ocidental, baseada no estabelecimento de um fundamento verdadeiro que se contraporia ao supostamente falso.

Convido os presentes a escutarem as palavras do pensador grego Heráclito de Éfeso. Ele diz, no fragmento 50:

Ouk emou allá tou logou akoúsantas homologuêin sophón éstin: hen panta einái.

Uma tradução possível é:

Escutando não a mim, mas ao *lógos*, é sábio dizer, no mesmo sentido do *lógos*: tudo é um.

O que o filósofo nos quer fazer escutar, pensar?

Ele nos diz que as coisas, em suas diferenças (tudo), se articulam, no vigor do *lógos*, em uma identidade, ou seja, em uma unidade (um).

O que é o *lógos*?

Lógos é a palavra mais importante do Ocidente. As diferentes interpretações que ela recebeu ao longo do tempo correspondem a distintas construções de realidade. A História do Ocidente é a história desta palavra.

Lógos vem do radical indo-europeu *leg-*, presente no verbo grego *leguêin* e no verbo latino *legere*. Os dois verbos significam essencialmente o mesmo: ambos falam

do dizer e do recolher, fazer a colheita. Este sentido que se desdobra em dois se explica pelo fato de que dizer, pronunciar, é uma maneira de reunir, de recolher em uma unidade, em uma identidade, coisas diferentes. Por exemplo, a multiplicidade enorme dos grãos de uma colheita.

Na Antiguidade, *lógos* é interpretado como dizer e recolher a diversidade em uma identidade, como vimos com o pensador Heráclito. Na Idade Média, o *lógos* passa a ser Deus, considerado o fundamento da realidade, a causa eficiente das coisas, quem a produziu. Na Modernidade, o *lógos* é reduzido à lógica. E, por causa disso, perdemos a capacidade de percebê-lo como a dinâmica de reunião das diferenças em uma unidade, em uma identidade.

E por que estou aqui falando do *lógos*, quando o tema desta comunicação é a linguagem? Porque a palavra linguagem, e não ao acaso, vem do mesmo radical do termo *lógos*, ou seja, o radical indo-europeu *leg-*. Este parentesco não interessa somente aos estudos filológicos, mas aponta para o que a linguagem realmente é. A linguagem é esta força de reunião das diferenças em uma identidade. Linguagem é *lógos*. E isto mesmo a utilização da palavra linguagem nos revela. Explico-me.

As línguas pelo mundo são inúmeras, não somente as que se falam, mas as que se falaram e ainda se falarão. A riqueza cultural e linguística é sem fim. As pessoas falam diferentes línguas. Um fala português, outro sânscrito, outro fala espanhol, outro inglês, outro crioulo etc. Há países em que se falam várias línguas. Mas ninguém – absolutamente ninguém – fala a linguagem. Não se diz que alguém fala, por exemplo, a linguagem francesa, isto não faria sentido. Diz-se que uma pessoa fala a língua francesa, não a linguagem francesa.

Há, portanto, uma diferença radical entre a linguagem e a língua. Mas, por outro lado, há também, entre elas, uma referência necessária, porque as diferentes línguas vêm ao mundo no vigor da linguagem. Nenhuma língua pode esgotar o manancial originário de onde ela provém: a linguagem.

A linguagem é como uma mãe, cujo útero, na sua obscuridade, é capaz de gerar vários filhos, todos diferentes uns dos outros, sem perder a sua capacidade de engendrar a vida continuamente. A linguagem é como a fertilidade da terra, que oferece a todos seus frutos, do presente, do passado e do futuro. A linguagem é o que se mostra nas

diferentes línguas, recolhendo-se como tal. Ela se desvela nas diferentes línguas, velando-se como linguagem.

Este desvelamento os gregos antigos chamaram *alétheia*, a palavra com a qual nomearam a verdade. O termo é composto do alfa privativo (a-) e do nome da deusa do encobrimento, do velamento, do esquecimento, Léthe, um dos afluentes do Hades, o rio dos mortos. Mas o alfa do vocábulo *alétheia* não é somente privativo. Ele é intensificante. A palavra pode ser traduzida, então, como “desvelamento”, significando que quanto mais as coisas se desvelam, na ação do tempo, mais velam o que são.

Não se trata da verdade que se afirma sobre as coisas, não é a representação que delas temos. Não se trata da verdade como um predicado das coisas, nem mesmo um julgamento que sobre elas se faça. É a verdade concebida de uma maneira mais essencial: o desvelamento dos fenômenos. Por que esta maneira de compreender a verdade, como desvelamento, é mais essencial do que a verdade judicativa ou predicativa? Porque sequer poderíamos realizar julgamentos sobre as coisas, ter sobre elas opiniões ou atribuir-lhes predicados se elas não tivessem, previamente, se manifestado. Se, por exemplo, diante de uma parede azul, eu afirmar que ela tem essa a cor azul, então, tenho uma predicação verdadeira. Se disser que ela é branca, a predicação será falsa. Entretanto, se pergunto a alguém, sem me referir a nada, somente “diga-me, por favor, se é verdadeiro ou falso”, a primeira pergunta que virá a meu interlocutor será: “Verdadeiro ou falso *o quê?*”. “A respeito de que *coisa* você pergunta se é verdadeiro ou falso?”. Isto nos permite ver que a verdade das coisas se desvelando é prioritária ao julgamento que sobre elas articulamos. A *alétheia* é até mesmo a condição de possibilidade de atribuir predicados às coisas. As coisas são questões que não cabem em representações. Por que é assim?

Ora, as coisas se mostram como fenômenos, mas, nesse seu desvelar, velam a sua realidade, seu ser. Não podemos definir as coisas. Uma coisa é o que está sempre em questão. Isto a própria etimologia aponta, já que a palavra coisa vem do latim *causa* ou *caussa*, isto é, o que está em questão, o que está em causa. Jamais poderemos definir as coisas, como se as representações que delas temos fosse a verdade. Não fosse assim, nem mesmo seríamos seres históricos, pois a própria saga humana, tanto individual quanto coletiva, se dá nas diferentes interpretações das coisas, das questões que se

manifestam para o homem de todas as épocas e lugares. O que é a vida? O que é a morte, o tempo, a felicidade, o destino, a liberdade, o real, a ficção, a arte, a linguagem etc.? Estas e outras infinitas questões são ontológicas, pois se dirigem aos homens de toda e qualquer cultura. Tanto para o egípcio na beira do Nilo, no Quarto Milênio antes da era cristã, como para o humano da era técnico-científica de construção do real, um *cyborg* cercado de *chips* eletrônicos em um mundo globalizado. *Cyborg* que, apesar de tudo, é humano e experimenta a finitude de não ser Deus, de ter de morrer.

Certamente que nos comunicamos com a linguagem. Mas o fato de que podemos com ela nos comunicarmos não quer dizer que, *em seu ser*, a linguagem seja um instrumento de comunicação. Assim como uma árvore que, para se abrir ao céu, mergulha suas raízes nas profundezas obscuras e húmidas da terra, tudo o que comunicamos tem suas raízes, seu originário, no velamento silencioso da linguagem.

A linguagem, em seu ser, é essencialmente silêncio. E por que motivo? Porque jamais poderemos definir uma coisa em sua realidade, em seu ser. Seu ser é silencioso, esconde o que ela efetiva e verdadeiramente é, se vela quando a coisa se mostra, aparece. A ideia que temos sobre as coisas, portanto, não são as coisas. As coisas não são uma ideia minha, para parafrasear Alberto Caeiro.

Disse, anteriormente, que a violência e a intolerância de nossa época eram uma consequência de nossa compreensão da linguagem como um instrumento. Pode parecer que exagero, mas creio que não. Explico-me.

A violência, antes de ser física ou moral, manifestada em ações, gestos ou palavras, é uma disposição do homem. Ela se produz como consequência da falta de diálogo para compreender e resolver as diferenças. Dialogar quer dizer exatamente se movimentar dentro (*diá-*) do *lógos*. Em um verdadeiro diálogo, as pessoas saem da certeza de suas diferenças em relação ao outro, e se colocam a escutar a questão sobre a qual elas dialogam. Não é o caso de simplesmente escutar o que o outro diz, mas os dois ou vários que dialogam doarem sua escuta à questão que suscita o diálogo. Se isto não ocorre, um verdadeiro diálogo é impossível. O que resta é a tentativa de eliminação da alteridade.

Quando não se compreende a linguagem senão como um instrumento de comunicação, não se é capaz de perceber que todas as diferenças estão recolhidas em

uma identidade, a identidade do *lógos*, ou seja, da questão de onde nos chegam todas as possíveis diferentes posições. O que é a identidade?

A palavra vem do termo latino *idem*, que significa “o mesmo”. O mesmo não é o igual. O igual estandardiza, impõe uma uniformização. O mesmo não cessa jamais de fazer jorrar novas possibilidades de interpretação. Nós somos todos diferentes uns dos outros, mas estamos sempre mergulhados nas mesmas questões, compreendidas em uma dimensão ontológica. Ninguém é capaz de definir as questões. Cada um responde a elas de uma maneira própria, mas estamos todos à procura de respostas, porque elas não cessam de nos interrogar. Procurar respondê-las é o sentido mesmo da existência. Se formos capazes de sair de nossas certezas e nos abrir para a dimensão de onde provêm as diferenças – isto é, a identidade das diferenças –, poderemos, então, dialogar verdadeiramente, sem sermos tomados pelo afã de eliminar o que é distinto de nós. A procura da identidade das diferenças nos aproxima, porque ela recolhe as alteridades em uma identidade. A identidade são as diferenças recolhidas em uma unidade, e nenhuma unidade que não abrigue em si mesma a diversidade poderá conduzir ao entendimento.

É justamente porque as diferenças se articulam em uma identidade, que esta não pode jamais ser reduzida a meros traços culturais, segundo os quais somente se descrevem as distintas culturas. As diferenças culturais, em sua diversidade, advêm sempre do silêncio da linguagem, que nenhuma cultura pode esgotar e no âmbito da qual todas se reúnem.

A palavra cultura está associada ao verbo latino *colère*, que tem vários significados, entre eles o de cultivar, cuidar, ocupar-se, honrar, venerar. A cultura é o cultivo do que se doa ao homem, inspirando-lhe o cuidado e a veneração com o que o excede e não pode ser definido: as questões de que ele próprio provém. A cultura, por isso, não pode ser reduzida a um conjunto de representações de diferentes costumes, sem que nos abramos para a dimensão que articula as distintas manifestações culturais: o *lógos*.

Certamente, há diferenças de traços culturais entre nós, de costumes, de língua, de religião, mas é preciso se dar conta e compreender que somos todos filhos da linguagem, portanto irmãos no silêncio das questões. Nenhuma cultura pode ter a pretensão de ser o senhor da linguagem. Por esta razão, é preciso que procuremos o

entendimento e a comunhão no princípio que nos torna não iguais, felizmente, mas que permite o germinar das diferenças. As diferenças são uma felicidade, porque elas nos mostram a riqueza da linguagem e da realidade.

Podemos ter cores de pele diferentes, podem-se falar diferentes línguas, mas toda esta diversidade está recolhida em nossa condição comum: somos seres humanos e, como tais, somos questões permanentes, inclusive e antes de tudo para nós mesmos.

A palavra interculturalidade é composta pelo termo latino *inter* (entre) e cultura. O *inter* é a articulação que se dá *entre* duas coisas diferentes, quando se diz, por exemplo: “esta árvore está colocada *entre* mim e você”. Entre é o que não está nem em um lugar nem em outro. Nem à esquerda nem à direita. Nem em uma margem do rio nem em outra. Este *inter* é o que se poderia denominar de “a terceira margem do rio”, pensando no famoso conto de João Guimarães Rosa. Este *inter* da palavra interculturalidade é a terceira margem de todas as diferentes culturas. Ele é o próprio rio. E isto porque as diferentes culturas, cada qual com a sua própria fisionomia, são como presentes do rio que lhes permite a existência. Este rio é o *lógos*, a linguagem, mãe das diferentes línguas e realizações culturais.

Portanto, uma verdadeira interculturalidade deve fundar-se não somente na afirmação das diferentes culturas, mas, antes de tudo, e até como condição de possibilidade das diferenças, na abertura para a ação originária do silêncio da linguagem em nossas vidas. Esta ação originária do silêncio é a identidade do rio que permite a existência das diferentes margens. Para nos abirmos para uma verdadeira interculturalidade é preciso, primeiramente, que admitamos que a verdade não é somente um julgamento que fazemos sobre as coisas, mas o desvelamento (*alétheia*) das questões das quais todos os humanos provêm.

Hoje, os professores ensinam, em todas as partes do mundo, que a linguagem é um instrumento de comunicação. Eles não se colocam a questão do que ela é em seu modo próprio de ser, porque ensinar se tornou uma atividade apoiada sobretudo na lógica da aplicação de técnicas pedagógicas e repetição de conceitos. Entretanto, pensar é mais do que aplicar a lógica. O pensar acontece quando somos capazes de colocar as coisas em questão. Pensar não é conduzir da escuridão das questões para a clareza dos conceitos, mas justamente o contrário: conduzir do conhecido dos conceitos para a

escuridão, o não sabido das questões, de onde provém toda a possibilidade de conceituar. A lógica, neste sentido, não é pensamento, pois apenas aplica as regras de um pensar supostamente correto, em contraposição ao falso, esquecendo-se de que a *Léthe* da *alétheia* não pode se esgotar nos juízos que fazemos sobre as coisas. O contrário da lógica não é o ilógico. Antes de haver a dicotomia entre o lógico e o ilógico, há o *lógos*, palavra de onde ambos provêm. É preciso retornar ao pensamento do *lógos*, como o fez Heráclito há 2.500 anos.

A arte é pensamento. O diálogo com a obra de arte é o caminho para deixar que as questões se manifestem, porque, na arte, as questões se colocam em obra. A obra de arte manifesta o silêncio da linguagem, vez que ela interpreta as questões de maneira inaugural. Quando se dialoga com a obra de arte, e tendo em vista que ela é o silêncio da linguagem se desvelando, os professores e alunos são levados a pensar. O professor não é somente aquele que ensina, mas aquele que é capaz de deixar o silêncio das questões se colocarem em obra no pensamento, por dom do diálogo. É por isso que Guimarães Rosa pronunciou que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Procuremos, portanto, fazer de nossa atividade de ensino uma abertura para o pensamento do sentido da existência, que repousa no questionar. Que sejamos capazes de fazer o exercício da liberdade de recolocar as coisas em questão.

Procuremos compreender que a igualdade não se promove tornando as pessoas iguais, estandardizadas, mas respeitando suas diferenças, o que se alcança quando nos abrimos para a fonte de onde a realidade faz jorrar toda a sua riqueza: a linguagem como questão.

Procuremos não limitar a fraternidade a um sentido ideológico. Como disse Fernando Pessoa (1995[b], p. 37), “compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela”. Este pensar, de que nesta passagem fala Pessoa, é o exercício da lógica, que se articula em um princípio de exclusão segundo o qual o verdadeiro se contrapõe ao falso. Mas, quando o pensar é ter desvelo para com as questões, Caeiro (PESSOA, 1995[a], p. 230) dirá que “amar é pensar”. Então, o pensamento aproxima as diferenças em uma identidade – a identidade silenciosa das questões. O silêncio, como questão, não tem ideologia. Pode haver uma ciência da linguagem, quando esta passa a ser tratada como

um ente, como algo que é, como faz a linguística. Mas não é possível fazer uma ciência do que não é, do nada, do silêncio. A linguagem, no silêncio que ela essencialmente é, vem a ser um acontecimento, uma manifestação que se dá no diálogo com as questões e, privilegiadamente, com as obras de arte.

Seguindo o caminho que nos propõe a compreensão da linguagem como o manifestar silencioso das questões, promoveremos uma verdadeira interculturalidade e o entendimento entre as pessoas e os povos, uma vez que não estaremos mais entrincheirados: seremos capazes de nos abrir para a dinâmica da realidade, aceitando as diferenças como um dom que recebemos para cuidar e agradecer.

Que as palavras de Alberto Caeiro, o poeta da aprendizagem de desprender os conceitos e oferecer a vida às questões, se façam presentes entre nós:

Procuró despir-me do que aprendi,
Procuró esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

(PESSOA, 1995, p. 226)

Obrigado a todos!

Referências bibliográficas

HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995[a].

_____. *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 8ª ed., 1995[b].

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.